

# Pro Vimarane

ADMINISTRADOR:  
AURELIO DE BARROS MARTINS  
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
RUA 31 DE JANEIRO, 42 — GUIMARÃES

DIRECTOR:  
J. SILVA  
SECRETARIO DA REDACÇÃO:  
JOÃO S. S. RIBEIRO

PROPRIEDADE DO GRUPO PRO VIMABANE  
Composição e impressão: TIPOGRAFIA LUZITANIA  
RUA CHAVAGÓN MOLARINHO, 45 — GUIMARÃES

LAMENTAMOS que a Associação Comercial se não tivesse feito representar na reunião efectuada a convite do dignissimo Chefe dos Correios.

Não sabemos quais as causas que determinaram tal attitude, mas, em todo o caso, vimos lembrar aos ex. mos dirigentes da referida Associação que se tratava, não de um assunto trivial, mas sim de um interesse grande para a cidade que, commercialmente, representam.

Alheando-nos dos comentários, vamos, contudo, registando.

DEVE causar bonita impressão, especialmente naqueles que visitam a nossa terra, a maneira como se vem fazendo a limpeza nas ruas desta cidade. Parece-nos ser caso unico, pois ninguém observou ainda, na mais solitária vila que seja, o fazer-se a limpeza à hora em que o transito recrudescer e aumenta.

E não querem ainda, *aqueles que se dizem vimaranenses de verdade*, que isto seja comparado a uma «aldeia de Paio Pires»!

AS eleições avizinham-se. Guimarães vai ter, no Municipio, os seus novos representantes. Os snrs. políticos vão apresentar, ao sufragio do nosso povo, os nomes dos futuros vereadores que, durante o proximo trienio, devem zelar pelos interesses da nossa terra.

Oxalá que a escolha seja feita com o máximo escrupulo e cuidado possíveis, pois é necessário, que as pessoas a quem vão ser entregues os destinos de Guimarães, sejam a garantia de melhores resultados benéficos para esta terra tão necessitada.

A causa unica, a principal origem da indiferença da mocidade vimaranense é a sua cobardia moral.

Apodera-se dela o receio de que se riam, se estuda, se faz jornalismo ou sport, enfim, aquilo que a sua intelligencia lhe dita.

E' um completa miseria moral!

E' uma absoluta falta de coragem para as responsabilidades dos actos que pratica!

Cobardia, e só cobardia!

AO «Comercio da Povoia de Varzim» dirigimos os nossos sinceros agradecimentos pela gentileza da transcrição do artigo «Recordações» do nosso Jornal n.º 6.

Foi uma atenção que muito nos penhorou e á qual não é grato responder pelo menos com os protestos do nosso melhor reconhecimento.

## Coração de Portugal

### Uma porção de terra do Berço da Nacionalidade E' ENVIADA AO BRASIL

Com a assistencia dos representantes do Municipio, do Liceu, da Escola Industrial de «Francisco de Holanda» e da Sociedade de Martins Sarmiento, realisou-se no passado dia 27, a tocante cerimonia de encerrar, num artistico cofre — coração simbólico de Portugal — uma porção de terra de Guimarães, que é destinada ao Brazil.

Leal da Camara, o idealizador da Aldeia Portuguesa na Flandres e autor deste novo simbolismo patriótico, será o portador deste «cofre-relicário» que, no dia 26 de Outubro proximo, será depositado nas mãos do mais antigo emigrado de Portugal, como o mais lídimo representante desses milhões d'almas que, em terras do Brazil, tão nobremente tem sabido elevar o nome da sua Pátria.

### Acta que precedeu a cerimonia

Aos vinte e sete de Setembro de 1922, nos Paços do Concelho da Cidade de Guimarães, com a presença dos representantes do Municipio, foi pelo Artista Sr. Leal da Camara apresentado um cofre relicario destinado a guardar uma porção de terra, — terra nacional e rial — que seja em evocação e em simbolo a propria imagem augusta da Patria portuguesa.

E porque o burgo de Guimarães é o berço da nacionalidade — terra mater de Portugal! — dirigiram-se os representantes do Municipio, acompanhados do Sr. Leal da Camara e outros cidadãos de representação social, ao Castelo onde se gerou o «Principe subido» e com ele o sonho alto e sublimado duma Patria una e indivisivel. Tomada em espirito e em verdade uma porção de terra, foi esta lançada com unção religiosa dentro do referido cofre, — cofre que se destina como uma particula da Patria aos corações patricios que no Brazil dilatam em saudade amorosa e labor honrado a aventura e o genio da luzina gente. E para que este acto tocante e singelo conste, lavrou-se a presente acta, que eu, Antonio Lopes de Carvalho, presidente da Comissão Executiva da Camara, a escrevi e asino.

Dr. Manuel Bernardino de Araujo Abreu, Presidente do Senado, A. L. de Carvalho, Presidente da C. E.; Vereadores, Dr. M. Sampaio, Domingos Azenha, Manuel Jesus de Sousa, Leão Martins e Domingos José Pires.

Abel Cardoso, Pintor e Director da Escola Industrial, José de Pina, Reitor interino do Liceu, Dr. Eduardo Almeida, Presidente da Sociedade Martins Sarmiento e Leal da Camara.

## FLOR MORTA

No seu corpete justo e bem moldado,  
Que lhe acusava as perfeições do seio,  
Colocara um jasmim. No mesmo instante,  
A bela flor nevada  
Perdeu aroma e vida:

Não sabes porque? Morreu gelada...

JOÃO DINIZ.

ALGUÉM nos disse: é necessário agir; é preciso que os novos se convençam que é a eles a quem cabe a missão, no Futuro, de velarem pelos interesses da nossa terra, e portanto, deste pedaço da nossa Pátria.

— Isso é muito bonito, nosso prezado amigo, mas é assim dito ou escrito. Pois ainda não concebeu, que os novos de Guimarães só procuram confortar os seus espiritos em prazeres prejudiciais á sua saúde e com distrações que nenhuma utilidade tem, antes pelo contrario, os atrofia e gasta?! Não concebeu ainda, a hesitação que impéra nos seus espiritos, o desábito das realizações práticas, a existência do orgulho e da vaidade, e a inconstância, ou melhor, a incoerencia que argumenta uma de liberação?! Eles desconhecem que «a acção é tudo», e por isso, como poderão saber agir, se eles não deliberam nem depois executam essa de liberação?!...

Olhe, nosso bem intencionado; dizia Toulouse, e dizia bem: «Nós valemos sobretudo pela opinião que formam de nós. Atravessamos a vida sem vêr nada, e a consequência desta inércia de observação é o ficarmos eternamente crianças — grandes — no que respeita á realização prática das nossas vontades».

NA reunião ha dias realizada, pelo Orfeon de Guimarães, foi ventilado o assunto do nosso artigo de, hoje, intitulado «Rapazes de Guimarães».

Dessa reunião nada saiu de pratico, porque ainda se não perdeu o maldito costume de todos quererem meter a sua *colherada*, e não haver um presidente que se imponha e oriente a discussão.

E' preciso, senhores orfeonistas, mudar de hábitos, porque do meio daquelas balburdias, só podem sair resoluções que prejudiquem o o. g. nismo a que pertencem

SÃO aos centos, por essas ruas da cidade, os mendigos andrajosos que em constantes lamurias nos assediam a todos os momentos, dando a Guimarães um aspecto de miseria.

E' vergonhoso, porque sendo esta terra rica como é, tivessem deixado acabar a *sopa economica* que matava a fome a tanto desgraçado.

Não admira: *ha muito dinheiro; mas quem o tem chama-lhe seu.*

ESTE numero de Pro Vimarane sae com algum atraso, em virtude da grande aglomeração de serviço na tipografia onde é impresso, razão porque pedimos desculpa aos nossos assinantes.

## MINIATURAS

MULHERES GORDAS...  
MULHERES MAGRAS...

*Mulheres gordas... Mulheres magras...*

*Afinal, tudo são mulheres.*

*A mulher gorda, é uma baleia; a mulher magra é um bacalhau noruega.*

*A mulher gorda, é um corpo humano ampliado em excesso; a mulher magra é uma costela da mulher gorda em miniatura.*

*A mulher gorda é um oceano. A mulher magra é uma lagrima.*

*A mulher gorda é um saldo. A mulher magra é um deficit.*

*A mulher gorda é uma circunferencia. A mulher magra é um ponto final.*

*A mulher gorda é um armazem que só vende por grosso ou por atacado. A mulher magra é uma loja pequena que só vende a retalho.*

*A mulher gorda é uma analyse, visto que pode decompor-se numa infinidade de mulheres magras. A mulher magra é uma synthese, visto que pela combinação de uma infinidade de mulheres magras, pode formar uma mulher gorda.*

*As pernas das mulheres gordas são duas peças de grande calibre, assentadas na Rotunda, que é o seu corpo. As pernas das mulheres magras são dois estremos paus de virar tripas em terra-las ao acaso numa viela manhosa, que é a sua carcassa.*

*Mulheres gordas... Mulheres magras...*

*Porque lado te decides, leitor?*

*Eu, por nenhum. Mulheres? Nem de barro á porta...*

*A mulher gorda ou magra, é uma bonita aquisição... para os outros.*

Guimarães, 1922

## RUA DE LANCASTRE

## Um alvitre

Não sabemos o resultado que deu a subscrição iniciada, pelos srs. officiais do nosso regimento, para a compra de um hidroavião a oferecer aos heroicos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

E' natural «porque nós conhecemos mos patriotismo da nossa gente» que algumas dificuldades tivessem encontrado e que essa bela ideia tivesse, de todo em todo, desaparecido.

Não nos queremos armâr em conselheiros, mas S. Ex.<sup>ma</sup> não se melindrarão, decerto, se nós apresentarmos um alvitre que nos surgiu, e pa rece ser viavel.

Ei-lo: A Câmara Municipal distribuiu umas listas para angariar fundos que fizessem face á despesa a fa-

## DÉ GUIMARÃES A' POVOA DE V. RZIM

## IMPRESSÕES DE UMA EXCURSÃO ORFEONICA

Tarde de Setembro, um pouco tuciturna e bronzada, que mais parecia prometer chuva do que reservar como nos reservou ainda as saudações dum sol ameno na longa caminhada

Naquele desejo ardente e sincero de saudarmos a Povoia, a praia preferida da nossa gente, fomos tomando de assalto 2 camions e dispondo tanto quanto possível os nossos apetrechos de viagem e vestimentas scenicas

E nessa azafama confundível chegamos á hora alegre da partida, amuciada pelo estrondear de uma girandola ao mesmo tempo que os sinos da altaneira torre de S. Pedro repicam festivamente o hino da Cidade.

Estavamos em marcha, os corações sentiam-se bater mais forte, numa doce emoção de alegria e amor, pela terra de Santa Maria.

Circundando a estatua do Rei conquistador, fomos deixando a velha cidade de baixo da curiosa atenção popular, despertada pelo trabalhar ruidoso das nossas naturas.

Sob peripecias vulgares de viagens como esta e disfrutando, de momento a momento, as paisagens rusticas que velozmente corriam ante a nossa vista, assim iamos ganhando terreno.

Pode dizer-se que o nome da Povoia bailava em nossas bocas e as conjecturas sobre a festiva chegada confundiam nos os pensamentos!

Avançando sempre, já pelas 5 horas da tarde sentiamos-nos a bem dizer, numa outra atmosfera, bem diferente daquela que por horas tinhamos deixado, e já a nossa pitulária distinguia de vês em quando uma aragem perfumada do marisco ou argaço.

Estavamos perto e não havia duvida que a «via maris» tinha sido seguida dentro da verdadeira linha, debaixo dos calculos precisos e matematicos, e a Povoia estava alcançada.

Divisa-se ao longe, uma recta suave e os Arcos que testemunham um pedaço de Historia: vencida esta etapa, espera-se a hora combinada para entrarmos na vila: a chegada aqui faz-se anunciar de conformidade com as combinações havidas e de novo seguimos, divisando dentro em breve uma multidão compacta que nos espera e bandeiras que melhor se distinguem pelo aspecto soberbo que tanto realça ao longe.

Está finda a viagem... o pano desce e tudo se passa dentro das portas da nobre e hospitaleira vila.

Vêm-nos, ruas do trajecto vistosamente engalanadas, predios repletos de gentis e graciosas damas que juntamente com os seus sorrisos espalhavam sobre nós miriades de pétalas...

São corações juvenis... que nos receberá galharda e bizarramente, é o sincero apertar dos braços que vae unindo as duas Terras.

zer com o monumento que a cidade de Guimarães vai erigir, na Penha, para perpétuar, assim, o heroico feito do raid Lisboa-Rio. Não sabemos, tambem, o resultado que dará tal subscrição, pois conhecemos de sobejo, e isto não é demais repeti-lo, a sorte que tem as grandes iniciativas. To-

Chegados á Camara, fomos recebidos pelo seu dignissimo presidente que, em nome do municipio, nos apresentou as saudações de boas-vindas. Seguiu-se-lhe no uso da palavra, o sr. José Linhares, digno administrador do Concelho, e o intelligente director do Orfeão Povoio, sr. Dr. Josué Trocado, que brillantemente recordou a recepção que em 1917 o povo de Guimarães fez ao orfeão da sua gerencia.

E como agora entramos no capitulo em que temos de falar nos nossos, e não querendo que nos seja applicado o velho adagio popular de «presunção é água benta, cada qual toma a que quer», vamos transcrever com a respectiva vênia dos nossos colegas, daquela praia, as referencias que fez da recita realisada pelo nosso Orfeão

Diz «O Liberal»:

«A' noite, no Garret, houve luzido espectáculo apresentando-se o orfeão sob a regência do alferes-regente de infantaria sr. Artur Ribeiro Dantas.

Antes de começar o espectáculo o sr. dr. Josué Trocado fez um caloroso elogio da obra orfeonica, qual a sua função na vida social e a obra de regeneração que lhe está inerente. Sauda com entusiasmo o orfeão vimaranense e pede a maxima persistencia para o completo exito dessa obra educadora e fundamentalmente artistica. Foi muito palmeado.

Na 1.<sup>a</sup> parte o orfeão fez ouvir os deliciosos trechos: *A Pastorella, canção Transmontana, no biraque e Nabucodonosor*, merecendo estas duas o nosso reparo, a primeira pela melodia como foi cantada e a segunda pela execução difficil da sua partitura sendo superadas as dificuldades do que ella está erigida.

Todos os numeros receberam vibrantes aplausos.

O 2.<sup>o</sup> acto foi preenchido pela peça em 1 acto *Diloso Judo* recebendo os seus interpretes D. Alice de Almeida e José Roriz calorosos aplausos pelo bem des. empenho que deram aos seus papeis.

Na ultima parte coube outra vez ao orfeão que cantou: *Noites de Abril, Zé Pretta Morena e Rapsodia n.<sup>o</sup> 1*, ouvindo esta com extraordinario agrado, não só pela originalidade das suas canções, como pela doce orquestração em que está feita, merecendo as honras da noite.

Tanto o regente, como os orfeonistas receberam a maior consagração dos espectadores vindo-se a sala do Garret quasi completamente tomada.

Diz «Comercio da Povoia»:

«O Orfeão apresentou-se muito unido e harmonico, tendo trechos de um lindo efeito vocal, principalmente as «Canções Transmontanas», «Noites de Abril», «Morena» e «Rapsodia n.<sup>o</sup> 1».

davia, lembramos que, se S. Ex.<sup>ma</sup> quizessem recompensar o sacrificio desses dois grandes portuguezes, da mesma maneira o fariam oferecendo á nossa Câmara o producto obtido, n'essa subscrição, e que seria destinado para a construção do citado monumento.

## Uma Homenagem

«Com uma rara lucidez de critica e ajudado por uma aberta memoria incansavel, o seu talento chegava para o cumprimento das tarefas nas Academias e para o regalo estruturalmente necessario da inclinacao literaria do seu espirito.»

Do artigo «João de Meira», E. Almeida.

Fez nove anos, no dia 25 do corrente, que eu ouvira falar com insistencia no nome de João de Meira. Os jornaes anunciavam a sua morte e publicavam, além da noticia do necrológio, extensos artigos com a sua biografia em que a sua acção de historiografo era posta em evidencia, em que a sua acção de literato era comentada de uma maneira pouco vulgar, em que o seu valor de cientista era affirmado surpreendentemente por intelligencias fecundas e comprehensivas.

Sabia-o professor da Universidade do Porto, e, francamente, quem visse aquelle homem másculo, de apparencia bonacheirona e de traje simples e descuidado, não reconheceria nele «as grandes e primicias qualidades que tinha como investigador e erudito», não reconheceria nelle o «imitador flagrante» de Antero, de Gomes Leal, de Junqueiro, de Camilo e de Eça, não reconheceria nelle, finalmente, o jornalista «correctissimo nos processos de combate, sempre generoso e leal, para com os seus proprios inimigos».

Vira-o entrar algumas vezes para a Sociedade de Martias Sacramento, onde, como mais tarde li, elle costumava mergulhar o seu espirito em leituras que lhe sugoriam uteis meditações, e realisaram, nas suas já fluentes ideias, uma completa evolução, um aperfeicamento de espirito que o distinguia, e um sentimento que o dirigia e era a fonte das suas emoções.

A sua figura insinuante levava-me, apesar da minha pouca idade de então, a fita-lo morosamente, a copiar-lhe os gestos e a imitar-lhe o andar, tão extraordinario era o seu todo, tal era a simpatia que eu experimentava por aquelle homem de tão rude aspecto e de tão minhoita estrutura!

Conhecia-o como filho do sr. dr. Joaquim de Meira, e nunca imaginei que aquelle homem, com quem engraçara na minha infancia, fosse o mesmo de quem, após a sua morte, ouvira tecer os mais rasgados elogios e fazer as mais justas referencias.

Filho illustre desta terra, não podiamos, nós que procuramos imitar-lo no amor com que a serviu, deixar de lhe prestar esta homenagem sincera, homenagem de-provida de palavras ritmicas e harmonicas, mas que traduzem, no fundo, a Saudade que a sua obra e o seu nome nos legou aos corações.

Setembro de 1922.

L. C.

A maior parte dos conflitos sociais tem a sua causa na ignorancia do proprio mal quando sam guiados por espiritos aventureiros de conquista politica. A Democracia é uma seita que comete crimes em nome dos Direitos dos povos e sam suas filhas — a Liberdade, a Igualdade, a Fraternidade — quem dam origem á mentira social da união humana. — D. R.

**Cartas para o Ruy**

**Uma indiscreção**

Meu bom Amiguinho:

A' minha chegada da Povoá, vim encontrar, entre os muitos livros em desordem sobre a minha secretária, um exemplar do "Pro Vimarane, — esse jornalinho moderno e bem apresentado que, defendendo com entusiasmo e ca-inho esta nossa linda terra, — vítima dos interesses de cada um —, desprezou o pesado noticiário e a bisbilhofice d'í carteira elegante, onde se dá a saber a toda a gente a vida que se leva, quer partindo ou chegando... Que importa ao reporter se a "senhora D. de tal deu á luz", ou que foram os senhores de tal e tal, quem pegavam... ás varas do pálio? Não é voê, meu amiguinho, da mesma opinião?

Todas estas velharias o meu espirito de mulher moderna despreza implacavelmente.

Já estava esquecida do motivo que me levou a escrever-lhe esta carta. Veja se adivinha. Se fôr capaz prometo de dizer a todas as mulheres que ha um rapaz em Guimarães que anda atrás do palmo de perna que diz ter um grande defeito... não puderem ser d'is... Pois não adivinhou já?! Digo-lho eu: é a propósito desse mesmo palmo de perna que o Ruy muito naturalmente viu e que muito mais indiscretamente veio contar para aqui.

Hei-de dizer-lhe mais alguma coisa, mas... por hoje basta. Sua leitora afeiçãoada

Setem. 30—22.

MARIA CLARA.

**Coisa interessante, mas inexplicavel**

Não quero armar em defensor da ma classe constantemente espinhada, e se agora abordo este assunto, é meramente por simples opinião individual, e não como porta-voz da classe a que o assunto me obriga a referir.

Eu tenho notado que tudo sobe de custo, que a vida vai aumentando o seu factor de agravamento sob as despesas naturaes e necessarias para a vida de um empregado comercial. Quem fala dum empregado comercial, procurará, como é natural, frisar tambem os empregados de escriptorio; e se particulariso esta secção é porque nos grandes meios estas classes se encontram quasi distintas quando é certo serem, na generalidade, conceituadas debaixo do mesmo agrupamento organico.

Eu sei, e todos os meus colegas o sabem, das constantes alterações da vida presente.

Apresentam-se novas tabelas de aumento, surgem logo deante desta tabela novas exigencias e melhor remuneração aos artistas; só a classe commercial quer a de frente de balcão, quer a de escriptorio, se sente presen-

**GUILHERME DE FARIA**

**O jovem Poeta de Guimarães**

Conheço Guilherme de Faria desde os mais tenros anos da sua juventude. Pelo muito de perto que com elle convivi tive, por varias vezes, occasião de apreciar as suas qualidades de talento, hoje trazido a publico pela publicação do seu livro, que se intitula Poemas.

Guilherme de Faria, aquelle moço que em muitas vezes virá em Guimarães, caminhando sempre a passos largos olhando por cima dos seus óculos com o intuito de fitar toda e qualquer pessoa que junto a si passasse, está hoje incorporado na galeria dos Poetas de Portugal. Era um romântico; nascera para ser poeta! O seu livro que hoje acabo de ler e do qual me ocupo nas colunas do

Pro Vimarane é a prova evidente do lirismo dominador do seu espirito. Mas eu não li apenas o livro de Guilherme de Faria pois se apenas o tivesse lido não podia fazer um juizo perfeito acerca do seu todo. Fui mais além; meditei-o, procurei verificar qual a causa que induzira o moço poeta ao relato das suas ideias, dos seus sentimentos por meio de verso: o sentimentalismo. E o auctor dos Poemas escolhera precisamente o verso para desenhar o seu pensamento, porque é um lirico. O seu lirismo é dotado dum germen de revolta que o arrasta á indiferença da vida.

*Na minha alma preciso e complicada—  
Que ainda hoje não posso comprehender  
Passa, dolorosa e magoada,  
A sombra triste do meu proprio ser.*

Notei ao folhear e percorrer as diversas paginas que constituem os Poemas que o seu auctor não cultiva aquelle tema banal e vulgar que preoccupa a maior parte dos poetas, principalmente daqueles que, como Guilherme de Faria, novos são ainda. Enquanto estes são inspirados por uma mulher—a sua amada—a quem veem a todos os momentos na doce ilusão de um sonho, o moço auctor dos Poemas escolhera, para seu guia inspirador, sentimentos mais elevados e menos em voga que o arrastam ao sofrimento. Os versos cultivados pelos chamados poetas do amor não são, em geral, a reprodução do pensamento real do seu auctor. Em Guilherme de Faria não acontece o mesmo. Ele sente e pensa aquilo que escreve, o que claramente se verifica pela leitura dos seus aménos e agradaveis versos. No seu espirito não existe aquella alegria característica dum poeta novo ainda que, vulgarmente só procura nos seus versos elogiar a mulher a quem um dia, muitas vezes impensadamente, dissera: amo-te. O seu amor consagra-o ou dedica-o á Dôr. O amor da vida ou do ser é substituído pelo amor do não ser.

*É sempre noite no meu ser... A luz  
Jamais, dentro de mim, alcoveou!  
E, como Cristo, eu leubo a minha cruz,  
E só a Dôr, em mim amancebou!*

tamente e como sempre a peor e a mais sumilicemente remunerada.

Esta briosa classe, que constitue para o engrandecimento da casa que serve, que faz proporcionar com seu esforço, a seus chefes, as comodida-

*A ninguém, neste mundo, tenho amor!  
E, ante a morte sinistra e dolorida,  
Aperlo ao peito a cruz da minha Dôr!*

Guilherme de Faria é orientado pelos grandes mestres da poesia portuguesa que a morte nos roubara já: José Duro, Antonio Nobre e Antero de Quental. Canta como elles, o moço poeta, hinos cheios de lirismo e ao mesmo tempo de Dôr e Desespero.

*Chorai, dentro de mim, versos de Antero.  
Emoção, Gesto, Dôr e Desespero,  
Tudo ajelha, solemne, pra rezar.*

*Impassivel, o Sol vai esmorecer...  
—Quem mi dava, meu Deus, tambem morrer,  
Para, amanha, no azul—ressuscitar!*

E' um sofredor!... Sofre porque pensa e porque sente!... Não inventa sentimentos fictícios para revelar o seu pensar!... Os seus versos mostram claramente que elle é um sincero.

*E enquanto tuão ri, primoterial  
Aos outros como eu—doce ilusão—  
A vida é para mim—inda em Abril—  
Só nocturna e solitaria escuridão!*

*Há só sombras em mim... E, abandonado,  
Vou passando na vida, desgraçado.  
Sem jamais me poder comprehender!*

Encontrei ainda no seu livro duas composições dirigidas ao Mar que são, sem duvida alguma, ditadas por um espirito de poeta. O estro de Guilherme de Faria é elevado.

V. JAMES:

*Oh mar!... sou teu irmão! Tumultuoso  
Assim como tu és, vasto, sem fim,  
E como tu solemne e doloroso,  
Eu sinto um mar reler dentro de mim!*

*E eu rezo e choro: «Oh mar! a tua que  
E' gema e várida: irmão da minha moçal!  
Vive, comoda, eterna, a soltar!»*

Porque será que o auctor dos Poemas muitas vezes fala do Mar? Porque? Porque o Mar sofredor sabe meiga e docemente embalar nas suas aguas aqueles que sofrem e encarnam um Ideal. Em Guilherme de Faria o Ideal é: Um genio de Poeta a perpassar.

*Subir! Subir! Subir! Hai de subir!  
Que em minha alma, Senhor! 'Stou já a sentir  
Uma sombra de genio a perpassar!*

X.  
N. R.

Os muitos e inadiaveis assuntos que teem occupado as colunas do nosso jornal, não nos permitiram que, ha mais tempo, nos referissemos ao jovem Poeta de Guimarães e á sua obra. Fazemo-lo hoje, embora tardiamente, pedindo desculpa ao auctor dos Poemas da falta cometida e do muito que retardamos a publicação deste artigo.

des do que gosau, está sendo, debaixo do dubio conceito meu, a mais espinhada, a mais sacrificada e a mais mal paga.

Tenham em vista o que acontece com as outras classes.

**Rapazes de Guimarães**

Surgiu ha tempos a ideia da formação do Grupo Pro Vimarane para a fundação dum jornal que defendesse os legitimos interesses desta terra.

Essa ideia está hoje convertida em realidade.

Esse jornal existe, e, embora mal recebido a principio, é hoje apreciado com aquelle interesse a que tem jus. Pois bem: o Grupo Pro Vimarane caminha sem desfalecimentos e quer dispensar ao progresso de Guimarães toda a energia de que dispõe.

Por isso, esse Grupo vem hoje lançar a ideia da criação aqui, na nossa terra, nesta terra tão refractária a modernismos, de um bem organizado Club, que, a par da cultura fisica, se dedique á qão altruista como necessaria cultura intelectual.

Não vides trazer um programa, mas simplesmente lançar a semente na esperança de encontrarmos ainda espiritos bairristas, intelligencias sãs e sentimentos nobres.

Não nos movem vaidades pessoais, mas unicamente a verdade comum de quem Vimaraneenses, ver a cidade de Guimarães engrandecida.

Temos que concordar perentoriamente que somos uma mocidade viciada e inactiva, assim como temos que reconhecer energicamente que precisamos de modificar os nossos habitos e entrar franca e abertamente no campo das realizações praticas.

A' guisa de *proposito* vamos expôr em duas palavras o que idealizamos, e haremos de realizar.

Recordando o velho aforismo—nem só de pão vive o homem, mas tambem de aimentos espirituais, propomo-nos fundar, como já dissemos, um club para o qual já convidamos a colaborar o Orfeon de Guimarães.

Esse club ficará sendo uma espécie de federação de todos os organismos que tenham o caracter educativo, de recreio e propaganda.

Quere os criar um grupo desportivo o mais completo possível, um grupo musical para o qual já nos foi oferecida — o que penhoradamente agradecemos — a colaboração competente do sr. alferes Ribeiro Dantas, um grupo dramatico que, com o Orfeon, — se os seus associados anuírem, — ficará um conjunto de belissimos organismos educadores, assim como um conjunto de autenticos elementos de propaganda nas excursões que realize ou nas que provoque e atraia a nossa terra.

Julgamos prestar um bom serviço a Guimarães nas recemos em parte que não sejamos comprehendidos por uma parte dos vimaranenses.

Mas, é preciso que se diga, e que se repita um milhão de vezes se tanto fôr necessario, que é preciso sair da modorra em que caímos e é preciso agir como nós queremos agir, mas é absolutamente necessario que todos nós ajudem para alguma coisa de pratico sair; palavras e projectos são como cogumelos, aos milhares.

Por hoje nada mais. No proximo numero desenvolveremos circunstanciadamente este assunto para o qual chamamos a atenção, não só do leitor, como a de TODOS OS RAPAZES DE GUIMARÃES.

SERGIO VIDAL.

**Tipografia Luzitania**

DE

**João Pereira da Costa**

Rua do Gravador Molitinho, 45

**Guimarães**

Estabelecimento modelar onde, com a maxima brevidade, se executam todas as obras consenrentes à arte tipográfica.

PAPELARIA, TABACOS, COMISSÕES E SEGUROS DA COMPANHIA ATLAS

**NOVA PADARIA**

Rua Elias Garcia, 63  
(Antiga de Santa Maria)

**GUIMARÃES**

DE

**Luiza Candida Lemos Almeida**

Fabrico de pão borôa, bijou e rosca. Pão ralado

**CASA DAS NOVIDADES****Ribeiro, Bastro & C.<sup>ta</sup>**

103 - Rua da Republica - 105

**GUIMARÃES**

LIVRARIA, PAPELARIA, TABACARIA  
PERFUMARIAS E MIUDEZAS

ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO.

Selos, letras e mais valores selados.  
Músicas para Piano.

Casa Editora de Obras Catolicas,  
Medalhas, Terços, Oleografias  
e outros artigos de piedade.

**FERREIRA & MARTINS**

Limitada

86, Rua de Paio Galvão, 88

**GUIMARÃES**

Mercearia de 1.<sup>a</sup> qualidade.  
Vinhos finos das melhores  
marcas, doces e bolachas.

Depositarios  
dos Refrigerantes, Xaropes  
e Licores do Bom  
Jesus de Braga.

**AD-HOC**

ATLÉTICA, DESPORTO E GINÁSTICA ATALA (Chateaubriand)

(J. P. Müller)

*Atletica*, são todos os exercícios corporais.

*Desporto*, são todos os movimentos e exercícios que se executam com o fim de distracção, para se ser mais habil do que os outros em certa especialidade, ou para se obterem prémios em concurso

*Ginástica*, é todo o trabalho executado com a intenção consciente de aperfeiçoar o corpo e aumentar a saúde, a força, a agilidade, a resistencia, a ligeireza, a astúcia, etc.

A DOENÇA (Hippocrates)

A doença não é um relampago num ceu azul, mas a consequencia de uma série de pequenas faltas quotidianas que, juntando-se umas ás outras, acabam de cair em avalanche sobre a cabeça do imprudente.

ANTES TURCO QUE CASTELHANO (Anecdota de A. Chaves)

Por ocasião da invasão dos castelhanos e perda da nacionalidade, o embaixador de Portugal em França recusou prestar obediência a Filipe, acrescentando, quando o intimaram a prestar homenagem á nova dinastia, que antes se entregaria ao turco, que a Castela. Perguntada a razão, respondeu:

—Porque na Turquia se perseverar na fé, far-me-hão mártir, e se renegar far-me-hão pachá; e em Castela nem pachá nem mártir.

«Felizes daquêles para quem a vida é, no berço, um sorriso e um beijo de mãe».

CRÓNICAS D'ARTE (Araújo de Lacerda)

—«O artista não pode desconhecer a historia do seu país porque é elle que tem a missão mais alta de a comunicar elevadamente ás gerações futuras».

—A *Venus* é a deificação da curva; *Hermes* a força e a serenidade; a *Victoria de Samothracia* o genio alado insuflador da epopeia; *Apollo e Dionysos*, um poesia e luz, outro creador da emanação transcendente — a música».

—«O Belo sendo o misterio das Formas precisa para se sentir de uma iniciação, iniciação que só encontra eco nas almas onde habita uma elevada sensibilidade».

SOL NASCENTE (Luis de Pina)

Dôr e ventura andam juntas  
Numa cadeia escondida,  
Rosário de duas contas  
Onde resamos a vida.

Nasceu a dôr dum soluço  
Do riso a Felicidade,  
Duma lágrima a Tristeza  
De triste adeus a Saúdade.

**MERCEARIA****CONFEITARIA**

26, RUA 31 DE JANEIRO, 28

Completo sortido de todos os artigos referentes ao seu commercio.

Representantes dos afamados vinhos de RODRIGUES PINTO, Gaia

Vinhos Ferreirinha ao preço da tabela

**Barbearia Ideal**

13, LARGO CONDESSA DO JUNCAL, 14-A

GUIMARÃES

**BENTO GOMES**

SERVIÇO ESMERADO

**CASA PENHORISTA VIMARANENSE**

Emprestimos sobre Valores

**PEIXOTO, ROCHA & C.<sup>a</sup>**

RUA DA REPÚBLICA — GUIMARÃES



\*  
Estabelecimento  
DE FAZENDAS  
BRANCAS, MODAS  
E MIUDEZAS.

\*  
LIQUIDAÇÃO  
DE TODOS  
OS ARTIGOS  
DA  
Estação de Verão

**CASA BARBOSA****MARIO QUEIROZ**

Rua da Republica, 132

**GUIMARÃES**

ESPECIALIDADE  
EM CHÁ E CAFE

Deposito de vinhos gazosos de Anadia,  
de Lucien Beisecker, da especial  
manteiga Flôr da Citania,  
de Paços de Ferreira,  
e do afamado café  
Gonçalves Costa,  
de Lisboa.

**Farmacia Alves Mendes**

SUCESSOR

LARGO PRIOR DO CRATO, 41

GUIMARÃES

Proprietario:

**Mannel Ferreira Martins**

Farmacêutico licenciado pela Faculdade  
de Farmacia da Universidade do Porto

Aviamento esmerado de todo o re-  
ceituário, com produtos quimicos  
de toda a confiança. Especialidades  
farmaceuticas nacionaes  
e estrangeiras.  
Analises e esterelizações.

**CASA DUARTE****LANIFICIOS**

Tecidos de algodão nacionais  
e estrangeiros

ARTIGOS DA MODA

Delegação da Companhia de Seguros

«Indemnizadora»

Rua 31 de Janeiro, 33 a 37

**GUIMARÃES**

Antonio de Araujo Salgado

Rua 31 de Janeiro — Guimarães